

economia

Governo amplia monitoramento sobre combustíveis

Ministério de Minas e Energia e ANP apontam que impacto do conflito no Oriente Médio no País ainda é limitado

/ COMBUSTÍVEIS

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Com o prolongamento do conflito no Oriente Médio, o Ministério de Minas e Energia (MME) informou em nota que intensificou as ações de monitoramento das cadeias de suprimento de derivados de petróleo e da logística nacional do abastecimento de combustíveis, assim como dos preços dos principais produtos. A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) também ressalta que mantém a observação contínua do mercado regulado, inclusive com acompanhamento diário dos estoques.

Segundo o ministério, até o momento, apesar do cenário de instabilidade, a exposição direta do Brasil ao conflito é considerada limitada. O País é exportador de petróleo bruto e importa parte dos derivados consumidos internamente, sobretudo diesel, mas

a participação de nações do Golfo Pérsico como fornecedoras das importações brasileiras de derivados de petróleo é relativamente pequena.

Apesar dos posicionamentos do ministério e da ANP, a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) manifestou ontem preocupação com as recentes informações sobre dificuldades na distribuição de combustíveis no Estado. Também a Federação das Empresas de Logística e Transporte de Cargas no Rio Grande do Sul (Fetransul) comentou que o aumento recente do preço do diesel no mercado brasileiro preocupa o setor de transporte de cargas e pode pressionar os custos logísticos nos próximos meses.

O diretor da consultoria ES-Petro, Edson Silva, frisa que se está atravessando uma situação de bastante flutuação dos preços do barril do petróleo, o que exige muita cautela quanto à definição para os preços internos dos combustíveis, como o diesel e a gasolina. Ele lem-

bra que o barril do petróleo Brent chegou a US\$ 120 na segunda-feira (9) e encerrou a sessão abaixo do patamar de US\$ 90.

Silva projeta que a Petrobras, por ser uma empresa da qual o governo federal é o sócio majoritário, não irá acompanhar a flutuação internacional dos preços dos combustíveis.

“Ela vai aumentar o refino, ainda que tenha que diminuir o seu excedente para exportação, de modo que não tenha desabastecimento no mercado interno”, prevê o consultor. Silva considera que a tendência é de o conflito no Oriente Médio diminuir, até porque a disparada no preço do petróleo pode levar o mundo a uma crise, inclusive os Estados Unidos.

Sobre a pressão nos preços dos combustíveis ao consumidor final, mesmo sem ter ocorrido ainda um reajuste da Petrobras, Silva não descarta que existam agentes econômicos querendo “surfear a onda” da volatilidade do petróleo no cenário internacional. “A



DANI BARCELLOS/ESPECIAL

Crise no Exterior tem pressionado oferta e preço dos combustíveis

ANP tem instrumentos suficientes para detectar o que está acontecendo, mas na minha opinião há um movimento especulativo por parte das distribuidoras”, considera Silva.

De acordo com levantamentos da ANP, o preço médio da revenda do litro da gasolina comum em Porto Alegre, no período de 22 a 28 de fevereiro (dia em que iniciou-se

a guerra no Oriente Médio) foi de R\$ 6,13 e do óleo diesel de R\$ 5,94. Já na semana de 1º a 7 de março esses valores, respectivamente, foram R\$ 6,09 e R\$ 5,94. Apesar das mais recentes pesquisas feitas pelo órgão regulador, já havia, ontem, postos na capital gaúcha cobrando valores mais elevados: R\$ 6,39 a gasolina comum e R\$ 6,49 o óleo diesel.

Sulpetro considera que cenário de incerteza quanto ao petróleo se mantém

Apesar da manifestação do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de que a guerra contra o Irã deverá acabar em breve, ainda não há segurança sobre os desdobramentos futuros para o mercado de petróleo. Permanece um clima de intranquilidade e incerteza com o conflito no Oriente Médio, assinala o presidente do Sindicato Intermunicipal do Comércio Varejista de Combustíveis e Lubrificantes no Rio Grande do Sul (Sulpetro), João Carlos Dal’Aqua.

“Se conseguirem confirmar a desobstrução do Estreito de Ormuz (entre os golfos de Omã e o Pérsico) para começar a passar navios, será um sinal claro. Se ficarem mais dez ou quinze dias (com os petroleiros com problemas para navegar na região) será uma difi-

culdade”, aponta o dirigente. Sobre a questão da pressão dos preços e do suprimento de combustíveis no mercado nacional e gaúcho,

Dal’Aqua recorda que a Petrobras estabeleceu um sistema de cotas para o fornecimento de diesel e gasolina.



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/IC

Presidente da entidade reforça que não há desabastecimento

Essa medida, salienta o dirigente, dentro de um panorama de normalidade, atenderia ao mercado do RS. “Mas, o que acontece quando começa a se dizer que está faltando um produto? O pessoal vai querer estocar, tanto o posto quanto o agricultor ou a empresa”, argumenta. Porém, o presidente do Sulpetro reforça que não há desabastecimento de combustíveis no Estado. “Pode ter uma restrição pontual”, enfatiza Dal’Aqua.

Conforme o presidente do Sulpetro, a Petrobras está priorizando os contratos já firmados com as distribuidoras, que por sua vez também priorizam os postos que têm acordos acertados. O dirigente lembra que a figura dos transportadores revendedores retalhistas (TRRs), que levam combustíveis

para a lavoura, dificilmente têm contratos com as distribuidoras e a mesma dificuldade se verifica com os postos de bandeira branca (independentes). Ele acrescenta que as distribuidoras têm seus estoques, mas também estão observando a reposição dessas reservas.

Dal’Aqua considera que a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) tem de fazer o seu papel de fiscalização, mas frisa que o mercado de combustíveis é livre. “Ela tem que verificar se há alguma grande anomalia, vai que tenha alguém superestocado e não queira vender, mas não estou vendo esse cenário, é mercado mesmo. Eu tenho um produto, tem muita gente querendo, eu vou aumentar meu preço”, conclui o presidente do Sulpetro.

Parada da refinaria Riograndense agrava oferta de combustíveis no Rio Grande do Sul

Uma situação particular aumentou o gargalo quanto ao fornecimento de combustíveis no Rio Grande do Sul neste momento de impacto no mercado do petróleo com a guerra no Oriente Médio. O presidente do Sindicato Intermunicipal do Comércio Varejista de Combustíveis e Lubrificantes no Rio Grande do Sul (Sulpetro), João

Carlos Dal’Aqua, lembra que a refinaria Riograndense, em Rio Grande, tem planos para se transformar em uma biorrefinaria e está sem produzir atualmente combustíveis fósseis.

De acordo com o dirigente, o impacto maior nesse quadro é quanto ao abastecimento de óleo diesel. “Pelo menos na região Sul”,

ressalta Dal’Aqua. A assessoria da refinaria confirma que a unidade está desde o começo deste ano sem produção e que a medida faz parte do projeto de transformação em biorrefinaria. A expectativa é que o retorno da operação ocorra somente depois da conversão.

Inicialmente, a perspectiva era que as obras na refinaria fossem fi-

nalizadas em 2028. O investimento na ação é estimado em cerca de R\$ 6 bilhões. Porém, para as ações terem continuidade, recentemente a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, ressaltou que é preciso que haja uma conclusão da operação de transferência do controle da Braskem para definir o papel da petroquímica no empreen-

dimento. O complexo rio-grandino tem capacidade de processamento de 17 mil barris de petróleo ao dia, produzindo combustíveis marítimos, gasolina, óleo diesel, asfalto, GLP e solventes. Tornando-se uma biorrefinaria, a planta poderá produzir itens como combustível sustentável de aviação (SAF) e o chamado diesel verde.